

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DO PALÁCIO CEIA SEDE DO INSTITUTO PORTUGUÊS DE ENSINO A DISTÂNCIA⁽¹⁾

Este é o primeiro de uma série de artigos dedicados ao estudo
do Palácio Ceia, a serem incluídos regularmente
em "SINAL A. V. S."

1. INTRODUÇÃO

O edifício hoje denominado Palácio Ceia, implantado na confluência do actual Largo fronteiro à Igreja de S. Mamede com a Rua da Escola Politécnica, e Rua do Arco a S. Mamede foi um dos primeiros palácios a ser construído após o terramoto de 1755, e ainda antes de 1760.

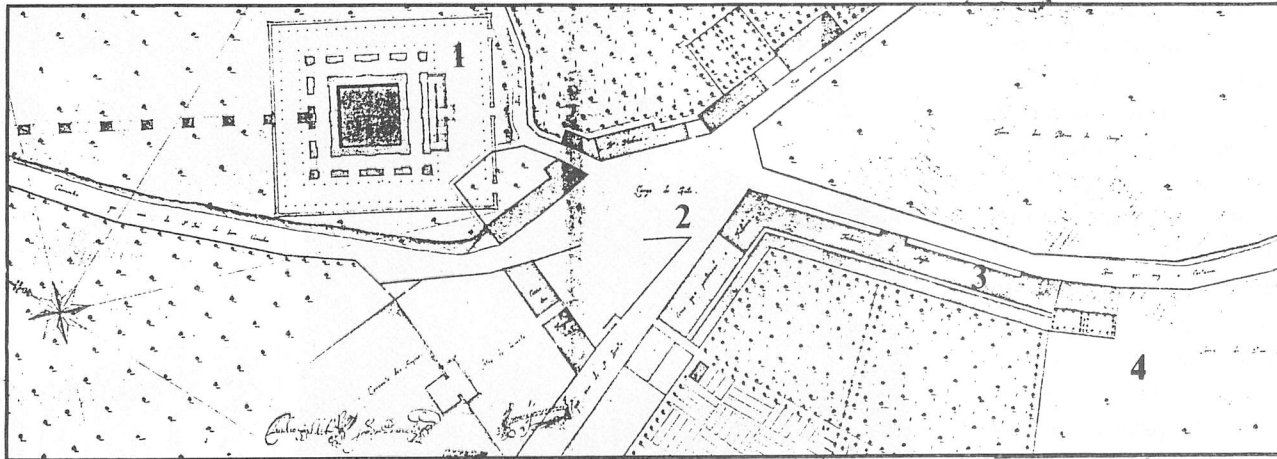
Situado no eixo do grande desenvolvimento urbano de Lisboa nos finais do séc. XVIII, ligando a zona do Tejo (Cais de Sodré) a um dos extremos da cidade setecentista (Largo do Rato) e de localização estratégica em relação à malha da Av. da Liberdade, integra-se na reconstrução da cidade que obedeceu a padrões nacionais e funcionais, a que estão subjacentes imperativos de ordem económica e utilitária. Surgiu assim uma nova mentalidade urbana, que se materializou na grande importância dada ao tecido urbano, à articulação dos espaços exteriores, à normalização dos edifícios e



Palácio Ceia . Fachada principal

uniformização das fachadas que vieram a caracterizar o estilo da Arquitectura Pombalina.

Foi mandado construir por um homem de origem burguesa, António Rebelo de Andrade, que, para ele, escolheu o então denominado "Sítio da Cotovia", zona onde se criou um foco de desenvolvimento posterior ao terramoto, que, no entanto, não obedeceu ao plano traçado pelos arquitectos de Pombal.



Planta do Sítio das Amoreiras no Século XVIII. 1. Mãe-de-Água das Amoreiras. 2. Largo do Rato. 3. Fábrica das Sedas. 4. Terras de D. Rodrigo.

De facto, apesar dos projectos que se realizaram para esta área, dentro de um espírito de urbanização racional que pretendia controlar o crescimento da cidade, não se concretizou nesta zona o projecto Pombalino. Tem-se conhecimento de uma Companhia Edificadora a operar no Bairro de Cotovia, em 1760.

E foi nesta zona, coexistindo a Norte com a Fábrica das Sedas, ligada a toda uma área de oficinas industriais que se estende até às Amoreiras, onde foram construídas as primeiras habitações operárias, e perto do “Noviciado da Cotovia”, posteriormente “Colégio dos Nobres”, que se edificou o primeiro palácio da zona após o terramoto — precisamente aquele a que aqui nos referimos.



Estabelecido nas terras da secular Quinta dos Soares, num terreno aforado a D. Rodrigo de Noronha, com a sua fachada principal virada para a actual Rua da Escola Politécnica, à época designada por Rua Direita da Fábrica das Sedas, o palácio torneja para a Rua do Arco a S. Mamede.

Embora existam diversas referências quanto à propriedade do palácio ao longo das várias épocas da sua existência⁽¹⁾, a maioria delas não se encontra ainda suficientemente confirmadas. Limitamo-nos, por conseguinte, a indicar os proprietários em relação aos quais existem evidências fundamentadas.

Segundo Gustavo Matos Sequeira, já era habitado em 1762, mantendo-se a propriedade na posse da família Rebelo de Andrade até 1805, data em que é vendido, desconhecendo-se quem o adquiriu. No entanto, em 1812, na Gazeta de Lisboa de 13 de Abril, surge um aviso de venda que descreve o palácio da seguinte forma:

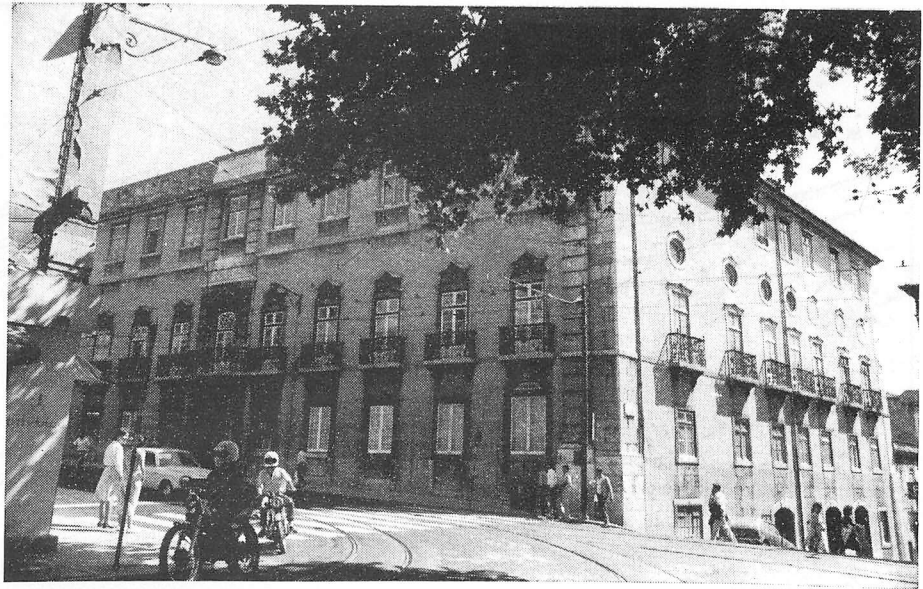


Palácio Ceia . Vista do jardim e traseiras

“Quer-se vender huma casa nobre, sita na Rua Direita da Fábrica das Sedas, construída de pedra de cantaria e madeiras do Brasil, com onze janelas de sacada em frente, e grande fundo, três frentes com o seu jardim e poço de nora com muita água, grandes acomodações para família, e muito boa cocheira e cavalharia, e grande palheiro de abobada”.

Em 1833 pertencia a um negociante, Manuel de Miranda Correia, sogro do Conde de Seia, o qual herdou o palácio após a morte daquele. Vendeu-o ao filho, o 2º Conde de Seia, desconhecendo-se quem o adquiriu e em que data. Posteriormente passou para propriedade de José Avelino da Costa Amaral, que o vendeu ao Visconde de São Tiago de Caiola, e veio mais tarde a pertencer a D. José Saldanha da Gama, 2º marido da Viscondessa, em usufruto.

Em 1904, foi o palácio integrado nos bens dotais da futura esposa de D. Vasco de Sequeira Bramão, por casamento celebrado em 1905 mas, só em 1910 ficará na sua totalidade na posse desta família, onde se manteve até 1977, data em que passou a pertencer à Imprensa Nacional – Casa da Moeda.



Palácio Ceia - Rua da Escola Politécnica, 147 - Lisboa

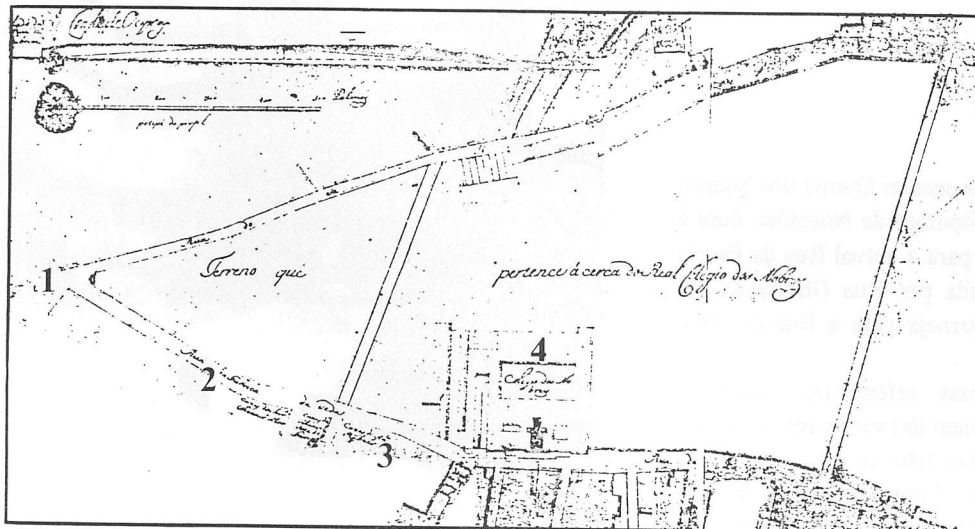
Em 1983 o palácio foi adquirido pelo Instituto Português de Ensino a Distância, para instalação da sede da futura Universidade Aberta.

(1) ALMEIDA, Fernando (direcção de) “Edifícios e Monumentos Notáveis do Distrito de Lisboa”, II tomo, Lisboa, Junta Distrital, 1975, pp. 82-83.

ARAÚJO, Norberto, “Peregrinação em Lisboa”, Livro XI, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, pp. 24-25.

FRANÇA, José Augusto, “Lisboa Pombalina e o Iluminismo”, Lisboa, Liv. Bertrand, 2ª edição, 1977, p. 172.

SEQUEIRA, Gustavo de Matos, “Depois do Terramoto” vol. II, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1918, p.153. ●



Colégio dos Nobres.

Planta e Perfil do terreno

entre 1759 e 1769.

1. Largo do Rato.
2. Rua da Fábrica das Sedas.
3. Casa de António Rebelo.
4. Colégio dos Nobres.